



O desejável jogo cognitivo de adivinhação na leitura de *A carteira*, de Machado de Assis

Vera Wannmacher Pereira* e Maria Tereza Amodeo

Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Avenida Ipiranga, 6681, 90619-900, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: vpereira@puccrs.br

RESUMO. O artigo focaliza o processamento da leitura como jogo cognitivo de adivinhação desejável (antecipação, previsão e predição), originalmente *guessing game* conforme Goodman (1991) e Smith (2003). O aporte teórico está na Psicolinguística em interface com a Literatura, tendo em vista o texto de demonstração ser um texto literário – o conto *A carteira*, de Machado de Assis (2012), o que exige a compreensão dos fatos do texto em sua literariedade. Inicialmente, são apresentados os fundamentos teóricos, associando leitura e adivinhação. A seguir, esse processo é demonstrado por meio da leitura possível de um leitor também possível, que constrói seu percurso de compreensão, estabelecendo conexões entre os traços linguísticos do texto e seus supostos conhecimentos prévios. Por último, nos comentários finais, é retomado o percurso desenvolvido no artigo e são feitas reflexões sobre as possibilidades de aplicação no ensino.

Palavras-chave: processamento, cognição, texto literário, interface, antecipação.

The desirable cognitive guessing game in the reading of Machado de Assis's *A carteira*

ABSTRACT. Current paper focuses on the reading process as a desirable cognitive game of guessing (anticipation, prevision, prediction), originally as a guessing game, according to Goodman (1991) and Smith (2003). Theory is posited on the interface between Psycholinguistics and Literature. In fact, the short story *A Carteira* (2012), by Machado de Assis, requires a comprehension of the text's facts in its literariness. Theory bonding reading and the guessing game is first exploited. The process is thereby demonstrated by a possible reading of an also possible reader who forms a pathway for its comprehension by establishing connections between the text's linguistic marks and the reader's prior knowledge. At the end, the course developed in the article is finally resumed with discussions on its possible application in teaching.

Keywords: processing, cognition, literary text, interface, anticipation.

Introdução

Na busca de uma abordagem que associa Linguística e Literatura, o presente artigo examina a leitura do ponto de vista do processamento cognitivo do leitor diante dos traços linguísticos do material escrito, no que se refere às especificidades do gênero eleito – o conto literário, em suas relações com o mundo e seu potencial de provocar emoções – e à luz dos seus conhecimentos prévios sobre o conteúdo e a linguagem do texto, constituídos a partir de suas múltiplas experiências, de seu universo cultural.

Nessa perspectiva, propõe-se uma abordagem fundamentada na realidade física, segundo Nicolescu (2008), que salienta a importância da conexão entre ciência e cultura. Segundo o autor, a dinâmica de pertencer a diferentes níveis da realidade forma grupos de sistemas que não mudam sob determinadas leis. É preciso, segundo o físico,

traduzir a “[...] transgressão das fronteiras entre as disciplinas, sobretudo no campo do ensino e de ir além da pluri e da interdisciplinaridade [...]” (NICOLESCU, 2008, p. 11), considerando o que denomina de ‘transdisciplinaridade’:

Hoje, a abordagem transdisciplinar é redescoberta, revelada, utilizada numa velocidade fulminante, consequência da necessidade de responder aos desafios sem precedentes de um mundo perturbado como o nosso. Não faz muito tempo, proclamou-se a morte do homem e o fim da História. A abordagem transdisciplinar nos faz descobrir a ressurreição do indivíduo e o começo de uma nova etapa de nossa história. Os pesquisadores transdisciplinares aparecem cada vez mais como resgatadores da esperança (NICOLESCU, 2008, p. 11).

Nessa perspectiva, a proposta deste estudo associa a Linguística e a Literatura, duas áreas que, apesar de suas convergências, a tradição acadêmica

por vezes insiste em separar, podendo esse afastamento decorrer das especificidades de uma e outra. A verdade é que tanto as convergências como as especificidades animam o interesse pela interface e sustentam a possibilidade de sua realização – aquelas são evidenciadas na linguagem como objeto de estudo, possibilitando às duas áreas o estudo do texto literário, e estas são expressas nos procedimentos de análise do material linguístico-literário, favorecendo a interação e a contribuição mútua (entre as áreas). No caso da interface Psicolinguística/Literatura, o recorte assumido neste artigo favorece a explicitação do processamento cognitivo realizado pelo leitor para a compreensão do texto, para o estabelecimento de suas conexões com o mundo e para a apreciação estética. Essa perspectiva de análise do processo leitor ultrapassa a de observação do texto apenas em sua estrutura, contribuindo para a aproximação das áreas e para estudos da construção cognitiva e cultural da leitura. Do mesmo modo, outros campos concorrem para realização dessa tarefa na medida em que o sujeito leitor, ao agir como tal, inquieta-se diante da vida envolvido por um contexto social, tem uma experiência psíquica individual, está marcado por vivências artísticas e códigos – que conformam seu senso estético – num mundo cada vez mais intermediado pelas tecnologias da informação, em que seu sistema neuronal atua incessantemente.

Sendo assim, embora a rota aqui escolhida seja a da interface (COSTA; PEREIRA, 2009), tendo em vista o modelo de análise da Psicolinguística (PEREIRA, 2010) e as concepções da teoria da Literatura no que se refere às particularidades do gênero, outros caminhos/campos teóricos – a filosofia, a sociologia, a psicologia, a arte, a semiologia e, hoje, com muita intensidade, a computação e as neurociências – são considerados, na medida em que se concebe um leitor em contexto.

Embora todas essas considerações sejam válidas em relação a qualquer gênero de texto, quando se trata da literatura, que utiliza a linguagem nas suas dimensões mais radicais, ganham especial tom e intensidade. Assim se concebe a profunda interação entre as áreas da Linguística e da teoria da Literatura, no que diz respeito à compreensão do texto, à percepção de suas relações com o mundo e à emoção alcançada a cada descoberta – construções feitas pelo leitor durante o percurso da leitura (AMODEO; PEREIRA, 2010).

O presente artigo elege o conto *A carteira*, de Machado de Assis, para a demonstração dessa desejável adivinhação na prática de leitura. Para tanto, o texto é analisado detalhadamente por segmentos recortados, do início ao fim.

A base teórica está nos estudos sobre processamento cognitivo e estratégias de leitura (PEREIRA, 2009b), com ênfase na predição, que explicita o procedimento de adivinhação realizado pelo leitor e os efeitos processualmente alcançados, a partir da constituição do texto, como literário. Nascendo da imaginação humana, a Literatura une os pontos de referência na observação da realidade ao pensamento poético, estando integrada, a um só tempo, com o mundo real e com o mundo subjetivo; influencia, assim, o inconsciente do homem de maneira ainda pouco conhecida. O elemento artístico da palavra literária torna-se, dessa forma, segundo Candido (1972), fator de humanização, ao possibilitar que o homem reconheça-se e redimensione-se através da representação que faz da existência, do mundo e do ser, expressando fantasias e desejos, aspirações e conflitos, realizações e superações.

A arte literária possibilita, pois, ao homem, o reconhecimento de si mesmo em um grupo histórico, com características próprias, específicas. Como fenômeno humano, a criação literária é tão complexa quanto a condição de seus criadores. A constatação da Literatura como manifestação de experiências humanas passa pela compreensão do mundo e de suas singularidades em diversos momentos históricos.

Os pressupostos da Psicolinguística, tendo em vista a leitura da Literatura, podem contribuir para que o leitor não apenas compreenda melhor o texto, percebendo as nuances da linguagem literária – que constrói universos ficcionais autônomos, de forte sentido imaginativo –, mas estabeleça conexões com as experiências humanas – suas ou não –, sensibilizando-se diante da vida e, principalmente, da alteridade.

A proposta em questão pode contribuir para que leitores de Literatura tenham consciência do próprio processamento utilizado para compreender o texto em seu conteúdo e em sua condição estética, assim como para organizar práticas de leitura escolar que orientem os alunos para o uso de processos produtivos e o desenvolvimento da consciência sobre eles.

Leitura e adivinhação: fundamentos

À primeira vista, pode causar estranheza associar leitura e adivinhação. Faz parte do nosso universo de crenças, que constitui o senso comum, o ponto de vista de que ‘adivinhar’, em leitura, tem sentidos pouco positivos.

Um deles é de que fazer adivinhações sobre o que está escrito num texto é indicativo de uma leitura apressada, gerando compreensão

inadequada. Outro é o de que adivinhar indica leitura superficial. Outro também é o de que adivinhar é fazer suposições sem base, conduzindo a conclusões erradas ou, pelo menos, inconsistentes. Outro ainda é o de que adivinhar significa imaginar sem apoio no texto. Esses entendimentos definem o leitor como descomprometido e desinteressado e o resultado da leitura como dissociado do que o texto apresenta.

Aprofunda-se essa recusa no uso cultural do vocábulo, vinculando-o a brincadeiras usualmente do universo infantil, a participação em jogos de azar, a deciframentos de charadas, a ações de esoterismo e até a feitos de magia. A concepção de leitura aqui desenvolvida se apoia nos estudos sobre processamento cognitivo, segundo os quais a adivinhação, também denominada antecipação, previsão, consiste em movimento significativo utilizado pelo leitor diante do texto – de seus elementos fônicos, morfossintáticos, semânticos, pragmáticos e textuais (GOMBERT, 1992).

Esse conceito está vinculado a uma estratégia metacognitiva de leitura definida por Goodman (1991) e Smith (2003) – a predição, sendo a mais presente nas diversas categorizações que tratam do assunto. Consiste num jogo psicolinguístico de adivinhação, um verdadeiro *guessing game*, como originalmente nomeiam os autores, em que o leitor, com base nos conhecimentos prévios que possui sobre o assunto e sobre a língua em questão, considerando seu universo cultural, e com apoio nas pistas linguísticas (vocábulos, traços fônicos, estruturas morfossintáticas, sinalizações gráficas, distribuições espaciais, moldura textual, fatores semânticos e pragmáticos...) deixadas pelo autor no texto, faz adivinhações, antecipações, previsões, enfim, predições sobre conteúdos do texto ainda não lidos.

Percebida de um modo mais amplo, a predição é uma estratégia de compreensão dos fatos, das experiências que vivemos, enfim, do mundo, que é objeto constante de nossas leituras. Sem praticá-la, talvez não soubéssemos sequer definir as nossas rotas diárias, não conseguíssemos apostar em um futuro e nos organizarmos para vivê-lo.

Diante de um texto, o leitor realiza um verdadeiro exercício de apostas, um jogo instigante, que associa dados do texto/contexto, informações já presentes nele (leitor), conexões e emoções produzidas pelo cérebro, possibilitando, assim, a compreensão do material escrito, o estabelecimento de relações com o mundo e a elaboração da satisfação, do prazer com o próprio processo, com a leitura realizada e com o conhecimento construído. Quando se trata de um texto literário, com sua

ambiguidade¹ construída linguisticamente pelo autor, como o texto eleito para este artigo, a estratégia da predição assume papel mais relevante ainda.

A predição é considerada de grande amplitude, na medida em que abrange outras estratégias mais específicas. Em estudo realizado por Pereira e Piccini (2006), os autores, ao pesquisarem experimentalmente o uso dessa estratégia, definiram-na como constituída do automonitoramento, da autoavaliação e da autocorreção. Isso significa que o percurso cognitivo da adivinhação exige do leitor um nítido processo de consciência, que supõe período continuado de atenção (DEHAENE, 2007). Nesse sentido, para estar em condição de atenção, é necessário que o leitor: a) esteja atento não apenas às pistas linguísticas do texto e aos seus conhecimentos prévios, mas às antecipações da leitura que realiza; b) que mantenha seu foco de atenção nessas antecipações, avaliando-as, do ponto de vista de sua pertinência às pistas e aos elementos prévios e c) que modifique essas antecipações, caso as julgue impróprias. Ao realizar esses procedimentos, o leitor está mergulhado num processo de intenso esforço cognitivo inferencial.

Da mesma forma, tem significativa importância interativa, considerando que está sempre presente na teia das estratégias de leitura (PEREIRA, 2011). Por essa condição, para o uso, por exemplo, de um *scanning* de um cartaz de divulgação de um evento, com o objetivo de busca da data, o leitor necessita primeiramente realizar previsões sobre a possibilidade de o conteúdo ser encontrado e sobre sua localização no texto. Também para a realização do *skimming* de um livro de crônicas de diferentes autores, com o objetivo de tomar decisão sobre sua compra, o leitor deve fazer antecipações sobre as partes do livro sobre as quais deve passar os olhos em procedimentos muito rápidos – sumário, contracapa, folha de rosto...

Cabe salientar que está, na base da estratégia de predição, a de inferência (PEREIRA, 2009a). Isso significa que, para decodificar um texto, compreendê-lo, estabelecer relações desse material escrito com o mundo, construir emoções, chegar à satisfação, ao prazer com a leitura, inferências de diferentes níveis de complexidade, exigindo diferentes graus de esforço cognitivo, são condições indispensáveis. Certamente, as inferências para

¹ "Em oposição ao 'discurso científico', que se caracteriza pela univalência dos signos, o caráter ambíguo ou múltiplo do texto literário, sobretudo o poético, decorre necessariamente de encerrar uma linguagem por excelência metafórica" (MOISÉS, 1985, p. 21, grifo do autor). O texto em questão de Machado de Assis vale-se da ambiguidade para jogar com os sentidos, os quais cabe ao leitor inferir, compreender.

decodificação dos sinais gráficos de um texto cujo código é de domínio do leitor são menos complexas do que as inferências para o estabelecimento de conexões entre fatos da história ou para a compreensão de enigmas (como é o caso de narrativas de mistério) ou para o deciframento de processos surpreendentes (como é o caso de narrativas com a presença do mágico) ou, ainda, para a descoberta de desfechos pouco previsíveis (como é o caso de narrativas com intensas pistas polissêmicas).

Evidencia-se, assim, o fato de que o processo de adivinhação está vinculado não a um simples desejo do leitor, mas ao desejo de toda a situação de leitura, incluindo esse leitor, com seus conhecimentos prévios, seu estilo cognitivo, seu universo cultural, seu objetivo de leitura; o texto com seus traços de gênero e tipo (ADAM, 2008) e as pistas linguísticas deixadas por quem o escreveu; o autor, com sua história e peculiaridades de proposta de escrita; o momento de criação e o de leitura e o suporte de veiculação do texto. Desse modo, neste artigo, o vocábulo ‘desejável’, presente no título, é utilizado no sentido de ‘relevante’, ‘produtivo’ para o êxito da compreensão, a percepção da literariedade², a construção das emoções.

A configuração da situação de leitura define as rotas de predição e o modo de percorrê-las (PEREIRA, 2011), como mostram as exemplificações a seguir. Considerando o gênero textual, as predições do leitor devem apoiar-se, no caso de uma história, mais fortemente no encadeamento narrativo e na movimentação das personagens, enquanto, no caso de um editorial, nas relações entre a tese e os argumentos. Pelo objetivo de leitura como a elaboração de um esquema das informações fundamentais de um texto de divulgação científica, as antecipações do leitor são realizadas nessa direção. Considerando o portador de veiculação de uma notícia (um determinado jornal de circulação), as predições do leitor são realizadas com base no perfil desse portador. Considerando os conhecimentos prévios, se o leitor dispõe de poucas informações sobre o conteúdo do texto, cabe-lhe apoiar predominantemente suas predições nas pistas linguísticas.

Como explicitado até aqui, adivinhar é relevante, sendo esse processo marcado pelo leitor e pelo autor, considerando suas condições e suas buscas e, pelo

texto, considerando suas pistas linguísticas decorrentes do gênero, das sequências dominantes, da organização e funcionamento dos planos linguísticos, o que define esse processo como desejável, concepção que inspira o título do presente artigo.

Tendo em vista o texto literário, mais especificamente o narrativo, essa construção cognitiva diz respeito a um universo ficcional que se revela como crível, verossímil, convincente (ARISTÓTELES, 1966). É preciso que os elementos internos da narrativa se articulem de forma a criar uma realidade que capte o leitor, que o seduza, suspendendo a sua própria realidade e deixando-se mobilizar por esta outra que surge tão e somente a partir do arranjo criativo das palavras, acionando os referentes do leitor.

Para demonstração do que foi até aqui exposto, na sequência deste artigo é apresentada uma possibilidade de *guessing game* na leitura de um conto, pressupondo uma determinada situação de leitura – um determinado leitor, com seus conhecimentos prévios e seu objetivo; um autor, com sua história; e um texto, com as marcas linguísticas deixadas por seu autor. Enfim, um leitor que realiza uma determinada leitura, um determinado jogo, que se alteram a cada variável que se modifica. Desse modo, a análise apresentada é apenas uma possibilidade, não havendo intenção de generalização.

Leitor e adivinhação: um caminho de conexões possíveis

A projeção da leitura é realizada na perspectiva de um leitor hipotético, como já referido, tendo em vista o jogo cognitivo de adivinhação por ele realizado, a partir da análise dos elementos oferecidos pelo material textual. Estabelecem-se as conexões entre as pistas oferecidas e os conhecimentos prévios do leitor (acerca de vários elementos, como se verá), de seu mundo cultural, que dão suporte para chegar à compreensão do texto. Desse modo, trata-se de uma situação construída com o objetivo de demonstração de um possível processamento leitor da adivinhação. Claro já deve estar que não pode haver expectativa de que o processo demonstrado constitua o caminho de algum leitor real. Dada a natureza cognitiva do processamento, ele se constitui único, assim como os conhecimentos prévios são também únicos, por decorrerem de experiências próprias.

A situação de leitura construída para essa demonstração é uma arquitetura concebida envolvendo um suposto leitor maduro, isto é, que sabe realizar inferências, apoiar-se nelas para adivinhar, antecipar, predizer o que está por vir e controlar seus procedimentos e suas escolhas.

² O termo ‘literariedade’ foi cunhado pelos formalistas russos (EIKHENBAUM, et al., 1976) e diz respeito àquilo ‘que faz de uma obra dada uma obra literária’; o que equivale a dizer a tudo o que concorre para tornar um texto literário e não informativo, denotativo, aquele que somente transmite dados e informações. Pelo contrário, a literariedade se opera na medida em que se produzem, criam, sugerem sentidos, para novas relações entre as palavras, promovendo-se associações e estranhamento no leitor. Assim, a ‘literariedade’ cria significantes e funda significados.

Para isso, observa os caminhos que está percorrendo (automonitoramento), verifica a pertinência desses (autoavaliação), confirma os pertinentes e corrige os não pertinentes (autocorreção), num processo reflexivo marcado pela atenção, pela consciência e pela emoção.

O objetivo neste estudo é demonstrar o processo de leitura desse leitor e suas possíveis antecipações, que também assume esse propósito com seus autores, o que exige dele clara consciência dos processos realizados ao longo do caminho de leitura. Para isso, o texto é apresentado em segmentos, numerados sequencialmente (em anexo na íntegra, MACHADO DE ASSIS, 2012), como se o leitor assim o fizesse, pois esse é um caminho possível, com as conexões feitas por ele no *guessing game*, associando os conhecimentos prévios que compõem seu universo cultural e as pistas linguísticas deixadas pelo autor no texto.

Segmento 1

A carteira

Conexões possíveis

A extensão do segmento, a letra maiúscula inicial e a centralização permitem ao leitor inferir que se trata do título de algum texto. Faz então algumas antecipações próprias de um *guessing game* – pode se tratar de uma carteira como licença para dirigir carro, de uma carteira de dinheiro, de uma carteira escolar, enfim, de algum objeto, seja ele qual for, que deve se constituir em elemento central do texto. Seus conhecimentos prévios, seus dados culturais encaminham o leitor para uma escolha – uma carteira de dinheiro com grande importância e que pode provocar fatos e emoções.

Segmento 2

Machado de Assis

Conexões possíveis

A leitura do segmento 2 permite ao leitor inferir que Machado de Assis é o autor do texto, sobre o qual tem informações, que o associam ao Realismo brasileiro do século XIX. Já leu também alguns de seus textos e conhece suas características. Com base nesses conhecimentos prévios, prediz que o texto em questão consiste numa história que parte de elementos do cotidiano – no caso, a carteira –, mas que o remete à consciência dos personagens, de forma a promover uma sondagem do seu funcionamento. Essa condição lhe permite confirmar sua previsão anterior – que a história deve ter na carteira o centro de sua evolução – e antecipar uma história que mergulhe nos conflitos internos humanos e que tenha qualidade literária. Arrisca-se

também, com base em conhecimentos prévios, a prever que o texto deve se pautar continuamente, do primeiro ao último instante, pela ambiguidade e pelo estímulo do leitor a fazer e testar hipóteses para decifrá-la, o que faz do autor um produtor habilidosamente criativo para leitura como *guessing game*. O leitor reflete a esse respeito, monitorando, avaliando e confirmando sua predição.

Segmento 3

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000180.pdf>

Conexões possíveis

Ao ler o segmento 3, a referência à fonte do texto, o leitor, que possivelmente possui em seus conhecimentos prévios, no seu mundo cultural, o significado de ‘obra de Domínio Público’ e do respectivo *site*, infere que o texto foi escrito pelo menos após 70 anos da morte do autor, o que reforça a ideia de ser um texto bem anterior ao tempo da leitura (no mínimo os 70 anos). Independente do local onde a informação é veiculada – se antes ou depois do texto –, essa inferência contribui para predizer, antecipar e adivinhar com maior nitidez as características da linguagem e do conteúdo do texto que começa a ler, bem como do perfil dos possíveis personagens, devendo estar tudo situado na época de sua escrita, mas com relevância para além desse tempo.

Segmento 4

[...] DE REPENTE, Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava à porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo:

- Olhe, se não dá por ela; perdia-a de uma vez.

- É verdade, concordou Honório envergonhado.

Conexões possíveis

O uso de reticências no início de uma frase é recurso pouco comum, menos ainda no início de um texto. Esse traço, que não deve passar despercebido pelo leitor, estimula sua curiosidade e lhe permite inferir que a história começa do meio de algo que já acontecia – o que dá início à construção de expectativas e emoções na leitura. Assim, o jogo de adivinhações, o *guessing game*, com processos reflexivos de automonitoramento e autoavaliação, começa a se estabelecer. Continuando a leitura, o leitor percebe que a ação em execução é interrompida pela expressão ‘de repente’ em letras maiúsculas, o que lhe permite inferir a chegada de algo inesperado envolvendo Honório. Segue

caminhando pelo texto e constata que esse inesperado consiste no fato de o personagem ‘olhar para o chão e ver uma carteira’. Nesse momento, o leitor avalia sua adivinhação anterior e a confirma – trata-se de uma carteira de dinheiro. Prosseguindo na leitura, constata que Honório se abaixa e pega a carteira e que somente um homem vê. Constata também que esse homem pensa que a carteira é de Honório e que este confirma isso. Ao ler esse trecho, o leitor dirige sua atenção para algumas pistas linguísticas deixadas pelo autor – ‘obra de alguns instantes, ninguém o viu, salvo um homem, rindo, é verdade, envergonhado’. Tais pistas permitem ao leitor inferir que há uma ação furtiva decorrente de um interesse especial pelo objeto, pelo dinheiro que pudesse conter, que a carteira é de outra pessoa que a perdera ali e que o personagem vive o conflito da verdade de sua própria manifestação, ao concordar com o homem que presenciou a cena. Em relação ao dono da carteira, não são levantadas quaisquer possibilidades de sua identificação. Com base nessas inferências, o leitor avalia hipóteses anteriores e confirma que a carteira consiste em objeto de grande importância na narrativa. Encoraja-se, então, com base nessas inferências, ao risco de algumas adivinhações – Honório pode estar vivendo alguma situação financeira difícil, por isso deseja ficar com a carteira, mas isso não deve ocorrer, dadas suas características pessoais já anunciadas. Essa decisão, vinculada provavelmente ao seu mundo cultural, deve construir conflitos no personagem e dificuldades em ficar com a carteira. Essas antecipações estimulam expectativas no leitor sobre os desdobramentos dos fatos e abrem emoções que aumentam seu interesse pela leitura. E o autor é mestre nisso.

Segmento 5

Para avaliar a oportunidade desta carteira, é preciso saber que Honório tem de pagar amanhã uma dívida, quatrocentos e tantos mil-réis, e a carteira trazia o bojo recheado. A dívida não parece grande para um homem da posição de Honório, que advoga; mas todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores. Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta coisa mais, que não havia remédio senão ir descontando o futuro. Endividou-se. Começou pelas contas de lojas e armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo a crescer, e os bailes a darem-se, e os jantares a comerem-se, um turbilhão perpétuo, uma voragem.

Conexões possíveis

Durante a leitura do segmento 5, o leitor, com base em dados explícitos do texto, agrega as seguintes informações – Honório é advogado, tem posição de valor social no contexto, tem família para prover, tem gastos altos associados a servir a parentes e a agradar à mulher, gastou o que possuía, fez empréstimos e tem uma dívida alta a pagar no dia seguinte. Examinando esses dados explícitos, o leitor associa-os a outros menos evidentes. Dirige sua atenção para a palavra ‘oportunidade’ e para a expressão ‘bojo recheado’, o que lhe permite inferir que a carteira potencializa para Honório a solução para o seu problema e confirmar sua predição anterior – que Honório deve desejar ficar com a carteira. Essa percepção se fortalece no leitor quando detém seu olhar nas duas últimas frases e observa associações semânticas propostas pelo autor como ‘daqui/dali’, ‘chapéus/leques/tanta coisa mais’, ‘contas/empréstimos’, ‘começou/passou’, ‘duzentos/trezentos/quinhentos’, ‘bailes/jantares’, ‘a darem-se/a comerem-se’, resumidas por ‘turbilhão perpétuo/voragem’. Trata-se de pistas que permitem ao leitor inferir a extensão do problema vivido pelo personagem. Esses dados, antecedidos pela afirmação de que ‘a mulher vivia aborrecida na solidão’, conduzem o leitor a estabelecer vínculos entre eles e inferir que Honório tem fragilidades para manejar a situação na qual a mulher é participante fundamental. Com base nessas inferências, o leitor se arrisca a duas predições – a de que ela pode estar no centro do conflito e a de que o conflito se tornará cada vez mais tenso. Volta então ao texto, praticando automonitoramento cuidadosamente, avalia sua antecipação e a confirma.

Segmento 6

- Tu agora vais bem, não? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C., advogado e familiar da casa.

- Agora vou, mentiu o Honório.

A verdade é que ia mal. Poucas causas, de pequena monta, e constituintes remissos; por desgraça perdera ultimamente um processo, em que fundara grandes esperanças. Não só recebeu pouco, mas até parece que ele lhe tirou alguma coisa à reputação jurídica; em todo caso, andavam mofinas nos jornais.

D. Amélia não sabia nada; ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. Não contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades. Quando o Gustavo, que ia todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro; e depois ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia tocava muito bem ao piano, e que o Gustavo escutava com indizível prazer, ou jogavam cartas, ou simplesmente falavam de política.

Conexões possíveis

Pelo narrador, o leitor é claramente informado de que a situação profissional e financeira de Honório é muito ruim – poucas causas e insucesso em uma, o que lhe rendeu desprestígio. É também informado do caráter reservado de Honório – nada compartilha e ainda demonstra alegria e bom humor. Esses dados confirmam a adivinhação anterior do leitor – de que o conflito não tem perspectiva de solução. O surgimento de Gustavo e o aparecimento da mulher, agora com nome (D. Amélia), ampliam o tema para outras possibilidades. O leitor dirige então sua atenção para algumas expressões utilizadas pelo autor referindo-se a Gustavo e a relações com ele – ‘advogado’, ‘familiar da casa’, ‘todas as noites’ – permitindo-lhe inferir que ele é próximo de Honório profissionalmente e convive diariamente com o casal. A expressão ‘indizível prazer’ encaminha o leitor para inferir a existência de uma admiração de Gustavo por D. Amélia, não havendo traços linguísticos indicativos de que ela e o marido percebam isso. Com base nessas inferências e nos conhecimentos prévios sobre a obra de Machado de Assis, o leitor avalia suas predições anteriores, confirma-as e arrisca uma predição – essa admiração de Gustavo deve ficar mais evidente, possivelmente num triângulo de tensão, contribuindo para o surgimento de emoções novas. Há que considerar também que o objeto central, a carteira, não é mencionado nesse segmento. Novamente, os conhecimentos prévios do leitor sobre o autor, embora a ausência de pistas linguísticas, fazem-no inferir que esse objeto deve estar integrado a essa tensão. Nesse jogo de risco de adivinhação automonitorado, o leitor prediz a chegada de um fato que faça essa amarração.

Segmento 7

Um dia, a mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos molhados; ficou espantada, e perguntou-lhe o que era.

- Nada, nada.

Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miséria. Mas as esperanças voltavam com facilidade. A idéia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe conforto para a luta. Estava com trinta e quatro anos; era o princípio da carreira: todos os princípios são difíceis. E toca a trabalhar, a esperar, a gastar, pedir fiado ou emprestado, para pagar mal, e a más horas.

A dívida urgente de hoje são uns malditos quatrocentos e tantos mil-réis de carros. Nunca demorou tanto a conta, nem ela cresceu tanto, como agora; e, a rigor, o credor não lhe punha a faca aos

peitos; mas disse-lhe hoje uma palavra azeda, com um gesto mau, e Honório quer pagar-lhe hoje mesmo. Eram cinco horas da tarde.

Tinha-se lembrado de ir a um agiota, mas voltou sem ousar pedir nada. Ao enfiar pela Rua da Assembléia é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando.

Conexões possíveis

Nesse segmento, o leitor constata que, na introdução pelo autor de outro plano temporal na narrativa, o do dia em que sua mulher o vê acarinhar a filha e chorar, ela o questiona, ele responde não haver nada e ela não faz nenhuma devolução, encerrando-se aí o diálogo. O leitor infere com base nessas informações que D. Amélia pode ter ficado satisfeita com a resposta recebida. Paralelamente, busca na memória de longo prazo conhecimentos prévios sobre o mundo cultural da época, em que os maridos eram provedores únicos e solitários dos lares e, na memória de curto prazo, as predições feitas anteriormente sobre uma tensão amorosa entre os três personagens. Analisa-as, avalia-as e infere então a existência de desinteresse da mulher pelo marido. Seguindo a leitura, examina com cuidado os comentários do autor sobre Honório e infere que o personagem tem dificuldades de interagir na busca de soluções, confirmando sua predição de que o conflito aberto desde o início deve ficar cada vez mais tenso e sem encaminhamentos positivos. Permite-se então antecipar que a carteira, ficar com ela, deve ser, para Honório, cada vez mais a possibilidade de solução, o que deve lhe gerar paralelamente dificuldades de consciência. Para esse posicionamento, o leitor relê alguns trechos do texto, refletindo sobre seu caminho de leitura. Isso lhe permite confirmar seu entendimento e prever que a carteira deve lhe abrir mais conflitos e não soluções.

Segmento 8

Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando, até o Largo da Carioca. No Largo parou alguns instantes, - enfiou depois pela Rua da Carioca, mas voltou logo, e entrou na Rua Uruguaiana. Sem saber como, achou-se daí a pouco no Largo de S. Francisco de Paula; e ainda, sem saber como, entrou em um Café. Pediu alguma coisa e encostou-se à parede, olhando para fora. Tinha medo de abrir a carteira; podia não achar nada, apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e esta era a causa principal das reflexões, a consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse. Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes

com uma expressão irônica e de censura. Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com ele a dívida?

Eis o ponto. A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la; mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a cocheira. Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse ele que a tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha; insinuação que lhe deu ânimo.

Conexões possíveis

Ao ler o segmento 8, o leitor acompanha os passos de Honório após pegar a carteira – o seu trajeto, os lugares para onde vai, seus pensamentos e seus sentimentos e infere que o medo, a dúvida e a consciência de um ato errado são os mais fortes. O leitor retoma então suas previsões anteriores e percebe que se confirmam – a carteira é a solução, mas a consciência lhe diz que não pode fazer isso. Volta, então, a partes já lidas em busca de algum fio definidor da história. Pensa que talvez a última frase revele algo. Infere, então, que Honório é uma pessoa em movimento continuado e, com base nessa inferência, faz uma antecipação – em algum momento deve abrir a carteira, mas não deve ficar com ela, considerando as chamadas contrárias da consciência.

Segmento 9

Tudo isso antes de abrir a carteira. Tirou-a do bolso, finalmente, mas com medo, quase às escondidas; abriu-a, e ficou trêmulo. Tinha dinheiro, muito dinheiro; não contou, mas viu duas notas de duzentos mil réis, algumas de cinquenta e vinte; calculou uns setecentos mil réis ou mais; quando menos, seiscentos. Era a dívida paga; eram menos algumas despesas urgentes. Honório teve tentações de fechar os olhos, correr à cocheira, pagar, e, depois de pagar a dívida, adeus; reconciliar-se-ia consigo. Fechou a carteira, e com medo de a perder, tornou a guardá-la.

Mas daí a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a, com vontade de contar o dinheiro. Contar para quê? era dele? Afinal venceu-se e contou; eram setecentos e trinta mil-réis. Honório teve um calafrio.

Ninguém viu, ninguém soube; podia ser um lance da fortuna, a sua boa sorte, um anjo... Honório teve pena de não crer nos anjos... Mas por que não havia de crer neles? E voltava ao dinheiro, olhava, passava-o pelas mãos; depois, resolvia o contrário, não usar do achado, restituí-lo. Restituí-lo a quem? Tratou de ver se havia na carteira algum sinal.

Conexões possíveis

Ao ler o segmento 9, o leitor é informado dos passos de Honório na abertura e no exame da carteira, confirmando predição anterior. Durante a

leitura, sua atenção é dirigida para algumas expressões especialmente – ‘ficou trêmulo’, ‘não contou’, ‘com medo de a perder’, ‘tornou a guardá-la’, ‘tirou-a outra vez’, ‘venceu-se e contou’, ‘teve pena de não crer nos anjos’, ‘mas por que não havia de crer neles?’. Chega, então, à última frase do segmento, em que Honório trata de encontrar ‘algum sinal’ do dono na carteira. O leitor acompanha esses movimentos do personagem e, com base neles, infere que a hesitação e o medo são características dele, renovando predição já feita de que o problema não deve ser solucionado por algum ato de Honório.

Segmento 10

‘Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro’, pensou ele.

Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era do Gustavo. Mas então, a carteira?...

Examinou-a por fora, e pareceu-lhe efetivamente do amigo. Voltou ao interior; achou mais dous cartões, mais três, mais cinco. Não havia como duvidar; era dele.

A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um ato ilícito, e, naquele caso, doloroso ao seu coração porque era em dano de um amigo. Todo o castelo levantado esboroou-se como se fosse de cartas. Bebeu a última gota de café, sem reparar que estava frio. Saiu, e só então reparou que era quase noite. Caminhou para casa. Parece que a necessidade ainda lhe deu uns dous empurrões, mas ele resistiu.

‘Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer’.

Conexões possíveis

O leitor percorre os olhos pelo segmento 10 e constata a ocorrência de um fato novo – a identificação do dono da carteira por Honório. Dirige sua atenção para algumas expressões do texto – ‘um ato ilícito...doloroso para seu coração’, ‘em dano de um amigo’, ‘sem reparar que estava frio’, ‘só então reparou que era noite’, ‘uns dous empurrões’, ‘verei amanhã o que posso fazer’. Infere, com base nesses traços linguísticos, que a dúvida permanece no personagem, que a tensão cresce e que a solução não surge. Volta, então, para suas predições anteriores e, num processo consciente, avalia-as atentamente. Considera que pode confirmá-las e reafirmá-las, talvez com certa ampliação – os conflitos pessoais de Honório estão associados aos seus conflitos financeiros, impedindo a solução de uns e outros. Isso indica que essa solução não deve

acontecer. Retorna mais uma vez ao segmento e detém seu olhar sobre a frase que informa que o personagem encontrou na carteira cartas e não as abriu e bilhetes e não os leu. Nesse momento, o leitor fica um pouco intrigado com esse detalhamento feito pelo autor e infere que essa atitude de Honório deve ter algum impacto sobre a narrativa. Arrisca-se então a uma adivinhação, a uma antecipação – esses pequenos papéis podem revelar algo a respeito de Gustavo – sua vida pessoal, sua vida profissional.

Segmento 11

Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado e a própria D. Amélia o parecia também. Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma cousa.

- Nada.

- Nada?

- Por quê?

- Mete a mão no bolso; não te falta nada?

- Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso.

- Sabes se alguém a achou?

- Achei-a eu, disse Honório entregando-lha.

Conexões possíveis

O leitor encontra no segmento 11 um diálogo entre Honório e Gustavo, em presença de D. Amélia, o que aumenta a tensão e a emoção. Os primeiros traços estão em ‘já ali’, ‘Gustavo, um pouco preocupado’ e ‘a própria D. Amélia parecia também’, permitindo-lhe inferir certa inadequação de Gustavo e convergências entre ele e D. Amélia. A segunda frase do texto favorece ao leitor inferir que Honório está conseguindo controlar a situação e confirmar predição já em andamento de que ele não deve ficar com a carteira e o problema da dívida deve ficar sem solução. No prosseguimento da leitura, a expressão ‘sem meter a mão no bolso’ permite-lhe inferir que Gustavo estava ciente de ter perdido a carteira. Na continuidade, a pergunta – ‘Sabes se alguém a achou?’ – leva-o à inferência de que Gustavo possivelmente não sabia que Honório a encontrara. A última frase do segmento permite inferir que o personagem central tomou a decisão em favor do conflito pessoal e não do financeiro. Relendo o segmento em sua totalidade, o leitor infere estar no clímax da narrativa em direção ao desfecho. Faz então uma antecipação própria do *guessing game* – a tensão e a emoção ainda devem se intensificar, por conta das cartas e bilhetes ainda não lidos.

Segmento 12

Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo. Esse olhar foi para Honório como um golpe de estilete; depois de tanta luta com a necessidade, era um triste prêmio. Sorriu amargamente; e, como o outro lhe perguntasse onde a achara, deu-lhe as explicações precisas.

Conexões possíveis

O leitor, ao ler a primeira frase, observa especialmente as palavras ‘precipitadamente’ e ‘desconfiado’, confirmando inferência anterior de que Gustavo não sabia que Honório a encontrara e que sua preocupação pode estar associada aos bilhetes e às cartas. No entanto, Honório considera que o olhar de Gustavo é indicativo de desconfiança em relação ao dinheiro. O leitor infere então que Honório não tem desconfianças em relação a Gustavo e que a preocupação deste não está no dinheiro da carteira. Prevê, com base nessas inferências, que o autor deve fazer alguma revelação relativa às cartas e aos bilhetes.

Segmento 13

- Mas conheceste-a?

- Não; achei os teus bilhetes de visita.

Conexões possíveis

A pergunta formulada por Gustavo permite ao leitor inferir que ele deseja saber se Honório reconheceu a carteira externamente ou se a abriu. A resposta de Honório conduz à inferência de que, para Gustavo, ela não é tranquilizadora. Os pensamentos de Honório decorrentes da indagação de Gustavo permitem ao leitor inferir que não tem desconfianças em relação a este, que o considera como amigo. Arrisca-se, então, a predizer, nesse *guessing game*, uma revelação sobre o bilhete, mas que a situação de Honório, posta desde o início da narrativa, não deve se alterar.

Segmento 14

Honório deu duas voltas, e foi mudar de *toilette* para o jantar. Então Gustavo sacou novamente a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhetinho de amor.

Conexões possíveis

O leitor se vê diante do último parágrafo do texto, o que lhe permite inferir que a narrativa chega ao seu final. Sua primeira frase traz a última participação de Honório – ‘deu duas voltas e foi mudar de *toilette* para o jantar’ – permitindo ao

leitor inferir que talvez ainda esperasse dizer ou ouvir algo. Sua saída da sala coincide com sua saída da narrativa, repetindo todas suas participações anteriores, sem caminho de solução dos seus conflitos pessoais, profissionais, culturais, financeiros. O desfecho fica então por conta de um momento final entre Gustavo e D. Amélia, em que expressões vinculadas a cada um decifram o enigma: ‘sacou novamente a carteira, tirou um dos bilhetinhos’ e ‘estendeu-o a D. Amélia’, conduzem o leitor à inferência de que esses papéis são importantes para os três personagens, embora Honório não saiba disso; ‘ansiosa e trêmula’ e ‘rasgou-o em trinta mil pedaços’, permitem-lhe inferir que o bilhete é algo que ninguém mais deve ler a não ser os dois. Essas inferências instigam o leitor para mais uma adivinhação – a mais importante – sobre o conteúdo do bilhete: a existência de algo sigiloso no âmbito das relações entre Gustavo e D. Amélia. Lê, então, a última frase do texto – ‘era um bilhetinho de amor’. A adivinhação final está confirmada, reflete o leitor.

A leitura, conforme demonstração neste tópico, se realiza num provocante *guessing game*, associando o leitor, o autor e o texto, em que as pistas linguísticas do texto e os conhecimentos prévios e o mundo cultural do leitor constituem-se em elementos de inferências e estas, por sua vez, promovem a realização de adivinhações, num processo continuado de automonitoramentos e autoavaliações.

Considerações finais

Machado de Assis, em *A carteira*, uma narrativa curta e concisa, convida o leitor para uma leitura das ambiguidades e complexidades humanas, penetrando em seus pensamentos e sentimentos. No desenrolar da história, coloca diante dele Honório, provedor da família com poucas habilidades para interagir e resolver problemas e com muitos conflitos de consciência, D. Amélia, sua mulher, ‘aborrecida pela solidão’, e Gustavo, bem sucedido, presença continuada na residência do casal. Esses três personagens estão amarrados em torno de uma carteira com dinheiro, cartas e bilhetes, geradora e reveladora de um enigma.

Para esse convite, Machado instiga o leitor a continuamente, da primeira à última palavra, vivenciar um processo de levantar hipóteses, testá-las e confirmá-las ou corrigi-las durante a leitura de um conto construído com maestria nessa mesma arquitetura.

Esse processo de leitura, aqui explicitado com propósito de demonstração, utilizando um leitor possível numa circunstância determinada, tem apoio

na adivinhação, uma evidentemente desejável estratégia. Para desenvolver esse percurso, o leitor faz apostas antecipatórias, monitora-as, faz avaliações e realiza correções, se necessárias, num processo inferencial em diferentes níveis de complexidade e esforço cognitivo.

A demonstração que ocorre com o conto de Machado de Assis evidencia o percurso de um leitor consciente em condições favoráveis para compreendê-lo, sendo os dados válidos para ele nas circunstâncias estabelecidas. Ele se utiliza das pistas linguísticas deixadas pelo autor no texto e confronta-as com seus conhecimentos prévios sobre a própria linguagem, sobre o autor e sobre o entorno, sem perder de vista seu objetivo de leitura e o suporte de veiculação.

Esse conjunto de informações permite ao leitor a compreensão do texto, que frequentemente é considerada um degrau posterior à decodificação e anterior ao desenvolvimento de reflexões sobre o mundo e à geração de emoções construtoras do bem-estar como leitor. Diferentemente, nesta perspectiva psicolinguística, a compreensão consiste num processo que traz dentro de si decodificação, análise textual e contextual, reflexões sobre o mundo e a geração de emoções construtoras da satisfação com o próprio ato da leitura.

Retomando as conexões que o leitor pode fazer sobre antecipações durante a leitura de *A carteira*, evidencia-se o fato de que elas permitem gradativamente uma navegação pelo texto, buscando dados nos seus traços linguísticos, no contexto, no autor e no próprio leitor, o que favorece a compreensão da leitura na perspectiva da amplitude apontada acima.

É essa engenhosidade do percurso de compreensão que permite considerar a adivinhação como a desejável estratégia de leitura do texto literário, que permite ao leitor, no caso apresentado, uma aproximação à história, ao autor, aos personagens e à composição imaginação/realidade, como um momento de deciframentos e emoções próprias.

A interface buscada com a Literatura, consideradas as particularidades do texto literário, evidencia que o texto configura-se como uma dinâmica relacionada a diferentes níveis da realidade. Associar os elementos da Psicolinguística com os da Literatura – e com outros campos naturalmente acionados no momento da leitura – significa conceber a leitura na sua complexidade de forma a contribuir para formar leitores mais competentes.

Essa tarefa, da maior relevância, deve estar em todos os níveis de ensino, mas especialmente no fundamental, considerando constituir-se no

momento de formação básica, que acaba por influenciar os níveis seguintes da escolaridade do leitor.

Disso decorre a indagação sobre como realizar esse ensino. Certamente, a escolha de textos literários de qualidade estética e geradores de inquietações e dúvidas é o início da organização do trabalho. Chegado o momento da aula, o material deve ser disponibilizado para sua leitura, cabendo ao professor orientá-la gradativamente, instigando os alunos a examinarem cuidadosamente as pistas linguísticas do texto, a refletirem sobre seus conhecimentos prévios e seu universo cultural e a estabelecerem conexões que lhes permitam fazer inferências e, a partir delas, realizar o *guessing game* – fazer antecipações, monitorá-las, avaliá-las e corrigi-las, se for o caso, sempre em busca da compreensão do conteúdo e a vivência do estético e do prazer da emoção. Para que isso aconteça, cabe ao professor estar atento ao processamento desenvolvido pelos alunos, de modo a fazer as necessárias intervenções nos momentos em que elas se revelam como necessárias.

Com um trabalho dessa natureza, aumentam as possibilidades, em relação aos alunos, de formação de leitores competentes e, em relação aos professores, de formação de orientadores competentes de leitura. Em ambos os casos, faz-se necessário um movimento que associe as disciplinas, pense o saber em conexão, ultrapasse a perspectiva que dissocia e exclui, valorize a ‘transgressão’, estando aí um espaço nobre para o desejável *guessing game*.

Referências

- ADAM, J. M. **A linguística textual**. São Paulo: Cortez, 2008.
- AMODEO, M. T.; PEREIRA, V. W. Linguística e Teoria da Literatura: uma interface possível. **Letras de Hoje**, v. 45, n. 3, p. 18-25, 2010.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Globo, 1966.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.
- COSTA, J. C.; PEREIRA, V. W. **Linguagem e cognição**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.
- DEHAENE, S. **Les neurones de la lecture**. Paris: Odile Jacob, 2007.
- EIKHENBAUM, B.; CHKLOVSKI, V. B.; JAKOBSON, R.; TOMASHEVSKY, E. Y.; JIRMUNSKI, V.; PROPP, V.; BRIK, O. TYNIANOV, Y.; VINOGRADOV, V. V. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1976.
- GOMBERT, J. E. **Metalinguistic development**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- GOODMAN, K. Unidade na leitura – um modelo psicolinguístico transacional. **Letras de Hoje**, v. 26, n. 86, p. 9-43, 1991.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. **A carteira**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000180.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2012.
- MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 2008.
- PEREIRA, V. W.; PICCINI, M. Preditibilidade: um estudo fundado pela Psicolinguística e pela Informática. **Letras de Hoje**, v. 41, n. 144, p. 305-24, 2006.
- PEREIRA, V. W. Estratégias de leitura virtuais e não virtuais no ensino fundamental. In: CONGRESSO DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009a. v. 2, p. 10-22.
- PEREIRA, V. W. Predição leitora e inferência. In: COSTA, J. C. (Org.). **Inferências linguísticas nas interfaces**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009b. p. 10-22.
- PEREIRA, V. W. Pesquisa em psicolinguística. **Letras de Hoje**, v. 45, n. 3, p. 48-53, 2010.
- PEREIRA, V. W. Predição, compreensão e situação de compreensão. **Revista Desenredo**, v. 7, n. 1, p. 91-103, 2011.
- SMITH, F. **Compreendendo a leitura**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

Received on December 28, 2013.

Accepted on July 3, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

ANEXO

Texto na íntegra

Carteira (1)

Machado de Assis (2)

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000180.pdf> (3)

... DE REPENTE, Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava à porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo:

- Olhe, se não dá por ela; perdia-a de uma vez.
- É verdade, concordou Honório envergonhado. (4)

Para avaliar a oportunidade desta carteira, é preciso saber que Honório tem de pagar amanhã uma dívida, quatrocentos e tantos mil-réis, e a carteira trazia o bojo recheado. A dívida não parece grande para um homem da posição de Honório, que advoga; mas todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores. Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta cousa mais, que não havia remédio senão ir descontando o futuro. Endividou-se. Começou pelas contas de lojas e armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo a crescer, e os bailes a darem-se, e os jantares a comerem-se, um turbilhão perpétuo, uma voragem. (5)

- Tu agora vais bem, não? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C..., advogado e familiar da casa.
- Agora vou, mentiu o Honório.

A verdade é que ia mal. Poucas causas, de pequena monta, e constituintes remissos; por desgraça perdera ultimamente um processo, em que fundara grandes esperanças. Não só recebeu pouco, mas até parece que ele lhe tirou alguma cousa à reputação jurídica; em todo caso, andavam mofinas nos jornais.

D. Amélia não sabia nada; ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. Não contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades. Quando o Gustavo, que ia todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro; e depois ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia tocava muito bem ao piano, e que o Gustavo escutava com indizível prazer, ou jogavam cartas, ou simplesmente falavam de política. (6)

Um dia, a mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos molhados; ficou espantada, e perguntou-lhe o que era.

- Nada, nada.

Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miséria. Mas as esperanças voltavam com facilidade. A idéia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe conforto para a luta. Estava com, trinta e quatro anos; era o princípio da carreira: todos os princípios são difíceis. E toca a trabalhar, a esperar, a gastar, pedir fiado ou: emprestado, para pagar mal, e a más horas.

A dívida urgente de hoje são uns malditos quatrocentos e tantos mil-réis de carros. Nunca demorou tanto a conta, nem ela cresceu tanto, como agora; e, a rigor, o credor não lhe punha a faca aos peitos; mas disse-lhe hoje uma palavra azeda, com um gesto mau, e Honório quer pagar-lhe hoje mesmo. Eram cinco horas da tarde.

Tinha-se lembrado de ir a um agiota, mas voltou sem ousar pedir nada. Ao enfiar pela Rua da Assembléa é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando. (7)

Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando, até o Largo da Carioca. No Largo parou alguns instantes, - enfiou depois pela Rua da Carioca, mas voltou logo, e entrou na Rua Uruguaiana. Sem saber como, achou-se daí a pouco no Largo de S. Francisco de Paula; e ainda, sem saber como, entrou em um Café. Pediu alguma cousa e encostou-se à parede, olhando para fora. Tinha medo de abrir a carteira; podia não achar nada, apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e esta era a causa principal das reflexões, a consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse. Não lhe

perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão irônica e de censura. Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com ele a dívida?

Eis o ponto. A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la; mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a cocheira. Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse ele que a tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha; insinuação que lhe deu ânimo.(8)

Tudo isso antes de abrir a carteira. Tirou-a do bolso, finalmente, mas com medo, quase às escondidas; abriu-a, e ficou trêmulo. Tinha dinheiro, muito dinheiro; não contou, mas viu duas notas de duzentos mil-réis, algumas de cinquenta e vinte; calculou uns setecentos mil réis ou mais; quando menos, seiscentos. Era a dívida paga; eram menos algumas despesas urgentes. Honório teve tentações de fechar os olhos, correr à cocheira, pagar, e, depois de pagar a dívida, adeus; reconciliar-se-ia consigo. Fechou a carteira, e com medo de a perder, tornou a guardá-la.

Mas daí a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a, com vontade de contar o dinheiro. Contar para quê? era dele? Afinal venceu-se e contou: eram setecentos e trinta mil-réis. Honório teve um calafrio.

Ninguém viu, ninguém soube; podia ser um lance da fortuna, a sua boa sorte, um anjo... Honório teve pena de não crer nos anjos...

Mas por que não havia de crer neles? E voltava ao dinheiro, olhava, passava-o pelas mãos; depois, resolvia o contrário, não usar do achado, restituí-lo. Restituí-lo a quem? Tratou de ver se havia na carteira algum sinal. (9)

"Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro," pensou ele.

Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era do Gustavo. Mas então, a carteira?... Examinou-a por fora, e pareceu-lhe efetivamente do amigo. Voltou ao interior; achou mais dous cartões, mais três, mais cinco. Não havia como duvidar; era dele.

A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um ato ilícito, e, naquele caso, doloroso ao seu coração porque era em dano de um amigo. Todo o castelo levantado esboroou-se como se fosse de cartas. Bebeu a última gota de café, sem reparar que estava frio. Saiu, e só então reparou que era quase noite. Caminhou para casa. Parece que a necessidade ainda lhe deu uns dous empurrões, mas ele resistiu.

"Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer." (10)

Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado e a própria D. Amélia o parecia também. Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma cousa.

- Nada.

- Nada?

- Por quê?

- Mete a mão no bolso; não te falta nada?

- Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso.

- Sabes se alguém a achou?

- Achei-a eu, disse Honório entregando-lha. (11)

Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo. Esse olhar foi para Honório como um golpe de estilete; depois de tanta luta com a necessidade, era um triste prêmio. Sorriu amargamente; e, como o outro lhe perguntasse onde a achara, deu-lhe as explicações precisas. (12)

- Mas conheceste-a?

- Não; achei os teus bilhetes de visita. (13)

Honório deu duas voltas, e foi mudar de toilette para o jantar. Então Gustavo sacou novamente a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhetinho de amor. (14)